

## **FONTES ORAIS E COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOLAS: UM DIÁLOGO ENTRE HISTÓRIA E MEMÓRIA**

**Maria Lindaci Gomes de Souza (UEPB) [mlgsouza26@hotmail.com](mailto:mlgsouza26@hotmail.com)**<sup>1</sup>

### **Resumo**

*Este texto trata de um projeto de pesquisa desenvolvido na Universidade Estadual da Paraíba, que ora se inicia em comunidades negras quilombolas na Paraíba. O mesmo se inscreve na história do tempo presente, quando imprimimos importância histórica aos sujeitos, valorizando as narrativas das mulheres destas comunidades. Estamos reincorporando as discussões da “Nova História Cultural”, que atribui a memória um papel de relevância, no que se refere às práticas culturais das mulheres, objetivando dar visibilidade a atores sociais, considerados excluídos pelo discurso da “História Oficial”, dos que vem de baixo. Partindo do princípio de que a memória e a oralidade se constituem como meios privilegiados de transmissão das artes de fazer, nas comunidades remanescentes de quilombolas, estaremos identificando através da memória cultural, como estes sujeitos sociais reinventam e se apropriam de determinados elementos culturais, em seus fazeres cotidianos. Assim, para que se possam considerar os depoimentos orais como fonte histórica e documental temos que reforçar a característica investigativa do fazer historiográfico. Neste sentido, nossa proposta coloca em evidência a filosofia e a prática cultural, predominante na sociedade de hegemonia branca, que tem dado um tratamento diferenciado aos registros orais das comunidades negras, minimizando-os enquanto fontes documental nos acervos públicos. O documento oral, de acordo com Delgado (2006), representa inúmeras possibilidades metodológicas e cognitivas, possibilitando recuperar traços da memória coletiva que não se encontram registrados em outros documentos. Como só recentemente os depoimentos orais das comunidades negras do Nordeste passaram a despertar o interesse dos pesquisadores, enquanto registro da memória, pretendemos dar mais um passo na ampliação destes estudos, haja visto que ainda existe poucos registro sobre este tema, fato que se explica por ter sido alijado dos acervos públicos. Memória invisibilizada pela historiografia tradicional principalmente, nos arquivos públicos que não tomam a oralidade como fonte documental, propiciando releituras e resignificações através das narrativas.*

*Palavras-chave: Comunidades Quilombola. Memória. Documentos.*

### **1 Introdução**

A proposta de desenvolver este trabalho decorre do fato de que só recentemente os historiadores têm se debruçado sobre a revisão e a reescrita da história e cultura das Comunidades negras, especificamente, os chamados remanescentes de quilombolas. Partindo do pressuposto, de que o cotidiano pode ser evidenciado a partir da oralidade, o texto busca fazer uma reflexão

---

<sup>1</sup> Doutora em Educação pela UFRN. Professora do curso de história da UEPB. Pró-Reitora Adjunta de Extensão e Assuntos Comunitários da Universidade Estadual da Paraíba.

sobre a importância da tradição oral no processo de resignificação da identidade étnica, principalmente quando estas oferecem indícios para serem tomados como fontes orais.

Sabemos das dificuldades e dos desafios que encontram os historiadores no tratamento das práticas culturais de comunidades negras, especificamente quando não há registros significativos nos arquivos oficiais.

Sendo assim, as fontes orais passam a ser entendidas, enquanto arquivo pela possibilidade de fornecerem potencialmente elementos que permitem apreender as dinâmicas, fazeres e valores da realidade social de Comunidades que se tornaram invisíveis, no decorrer da História Cultural hegemônica branca.

Deste modo, ao buscarmos a apropriação da palavra falada na tradição oral, percebemos que esta tradição se sustenta na troca de saberes acumulados, que se redefinem a cada momento em que o historiador transforma o ato de conhecer em testemunho.

Retomando a questão da história oral, a mesma traz à tona elementos que têm permitido compreender como ocorre o processo de rememoração, assim como, se constrói suas memórias e tecem sua identidade enquanto sujeito étnico. Assim, perceber a importância da tradição oral em Comunidades negras, na qual há um predomínio da aprendizagem informal, esta aprendizagem adquire no contexto destas comunidades a mesma relevância no contexto social e cultura destas comunidades, que os conhecimentos formais veiculados pela escola.

Vale salientar, que não são apenas os conhecimentos produzidos no saber escolar que se constituem posteriormente em acervos a serem preservados nos arquivos públicos, mas a produção de saber que se constituem no cotidiano das Comunidades negras são tão relevantes que carecem de ser vistos como acervos significativos de serem pesquisados nos arquivos.

De acordo com o debate acadêmico em torno da questão dos afrodescendentes, recentemente os historiadores brasileiros têm se dedicado sobre a revisão e reescrita de toda a história dos povos afro, isto é, de uma história afro-brasileira a partir do olhar dos afrodescendentes. Na historiografia, o ato de voltar sobre si próprio levou um processo que se desenvolve sem parar como se a cada retorno encontrássemos acima de tudo, um novo território. Assim, um dos campos de estudo que tem sido revistado, diz respeito as comunidades negras rurais, sendo identificadas segundo a semântica com o termo de remanescentes quilombolas (FONSECA, 2000). A nova sociedade brasileira, desde a década de 80 vem passando por

transformações, cuja principal característica é a ascensão de novos atores sociais na cena política nacional, entre eles destacando-se os índios e os negros.

A partir destas mudanças, é que os historiadores estão se voltando ao passado com os olhos do presente, colocando em prática o conselho de Jacques Le Goff (1994), quando dizia que: “história é filha do seu tempo”, ou seja, estamos vivendo em um novo tempo de desconstrução e de reinterpretação no sentido de conhecermos a verdadeira história da África e de seus descendentes. Com esta compreensão, concordamos com Gomes e Martins (2004, p.71) quando diz que o Brasil está vivendo um momento de revisão, em uma perspectiva otimista, pois há agora uma dimensão de oportunidade histórica, de “brecha emancipatória para combater o racismo estrutural da sociedade e de valorizar a cultura africana preservada no país, afirmando que há uma diferença civilizatória ou simbólica com vigor que até agora os negros não tiveram a oportunidade de manifestar”.

## **2 Cotidiano, tradição e fontes orais**

A história do Brasil de cunho judaico-cristã privilegiou a cultura do homem branco e incorporou a dimensão sóciopolítica dos grupos dominantes, refletindo com muita cruzeza as dificuldades de convivência, causadas pelo compromisso étnico com grupos brancos criando assim juízos preconceituosos sobre o indivíduo de pele negra.

Na historiografia o racismo floresce no âmbito das ideologias nacionalistas (SODRÉ, 1999), nos discursos preconceituosos, eurocentricamente construídos que acumulou juízos pró-racista sobre o africano e seus descendentes. Fato sustentado pela afirmação de Sodré (1999, p.30), na qual encontramos discursos que compartilham com essa idéia, boa parte do nosso subdesenvolvimento se explica em termos culturais. “Ao contrário dos anglos-saxões que pregam a racionalidade e a competição, nossos componentes culturais são a cultura ibérica do privilégio, a cultura indígena da indolência e a cultura negra da magia”. Nestes discursos persiste o pensamento da elite intelectual brasileira, deixando clara a idéia de que não podia conceder possibilidades de um desenvolvimento em termos culturais, de grupos sociais que se sustentam em práticas culturais consideradas atrasadas, demoníacas, sustentadas pela fé na magia. Segundo

Sodré (1999, p. 149), “especulações dessa natureza são retomadas e reproduzidas por instituições de regulação ética da vida social, a exemplo da Escola e da Igreja Católica.”

Compartilhamos com as idéias de Sodré (1999), quando destaca o tipo de representação construída que se desenvolveu ao longo dos tempos, “uma imagem sombria e desfavorável” das comunidades afro-brasileiras na qual se incorporam as representações intelectualizadas e subsequentemente, ao senso comum das populações de cor clara.

Neste sentido, o filósofo alemão Hegel deixa claro sua opinião sobre o negro, reproduzindo uma tradição de clichês identitários, para sustentar que os negros não são capazes de desenvolvimento ou de cultura. Hegel sustenta esta opinião preconceituosa confirmando este tipo de representação apontando assim “o que nós entendemos propriamente por África é o espírito não histórico, não desenvolvido, ainda envolvido nas condições de simples natureza.” Portanto, fica evidente através destes exemplos e nos discursos da elite, a necessidade de uma reinterpretação da participação do negro na cultura através de usos e costumes.

Assim, constatamos que desde o Brasil Colônia, em nossa historiografia foram usadas das mais variadas estratégias discursivas para dar invisibilidade social às comunidades negras.

Neste sentido, destaca-se o fato de que há um desconhecimento dos valores e da cultura afro-brasileira, na qual também se solidarizava com essa idéia Oliveira (2006), o destacar que é notório o fato da África, durante séculos ter sido excluída dos vários saberes desenvolvidos pela academia. Essa exclusão é fruto da mais vil discriminação racial. Essa se constitui em uma das muitas estratégias construídas para desqualificação de sua história “seja pela inferiorização de sua identidade, ou pela tentativa de demonstrar que a África não tem história” (OLIVEIRA, 2006, p. 24). Portanto, segundo essa linha de pensamento, seus descendentes, os afro-brasileiros, também não teriam direito a fazerem parte da história cultural ocidental branca.

Sendo assim, um dos objetivos deste texto é fazer algumas reflexões sobre a história de comunidades negras rurais, remanescentes de mocambos, a partir de pesquisas fundamentadas na tradição oral, tendo em vista que a memória constitui-se uma fonte significativa para o conhecimento do processo histórico dessas comunidades.

Acreditamos que os estudos que tratam de comunidades remanescentes de quilombolas representam um avanço pela tipologia de fontes utilizadas e o tratamento dado a elas, bem como pela ênfase nas questões referentes às práticas culturais, à resistência, à interação com outros

centros, e em especial à capacidade de sobrevivência dessas sociedades quilombolas em quanto contraponto à ordem escravista.

Quando se trata de temas relacionados à questão da escravidão e à abolição, há uma produção historiográfica significativa, tanto do ponto de vista quantitativo quanto qualitativo, no entanto, percebe-se que há uma retração quando se trata de temas relacionados a quilombos e uma lacuna no que se refere ao negro emancipado, em quanto ator do processo histórico pós-abolição, fato confirmado por Funes (p. 125) ao destacar que “ao tratar do ex-escravo, a historiografia o resgata a sua condição marginal ou o contrapõe ao papel reservado aos imigrantes no contexto pós-abolição.” A partir deste ponto de vista, se o ex-escravo é relegado ao segundo plano ou lembrado de forma tangencial pelos historiadores, por outro, os ex-quilombolas desaparecem da história. Sendo assim, nestas discussões, buscamos constituir como objeto de preocupação o resgate dos múltiplos significados apreendidos nas falas até então silenciadas.

Ao tematizarmos a relação entre história e cultura afro-brasileira, estamos considerando que ambas se relacionam intrinsecamente, com diz Oliveira (2006), ao falarmos da cultura negra não podemos nos furtar dos signos produzidos historicamente pelos afro-descendentes. Sendo assim, não podemos desconsiderar o fato de que é no cotidiano social que o saber é produzido, é operado de modo concreto, pois é alçado das impressões que capta do cotidiano de vida dos “homens ordinários”, como diz Certeau (1994), o cotidiano que ganha vez e encontra significado neste texto a partir da oralidade quando o historiador atribui relevância aos registros orais.

### **3 Memória e história oral**

Este trabalho está centrado no uso da História oral como fonte principal para salvaguardo da história do patrimônio cultural de comunidades remanescentes de quilombolas (Matias e Grilo) que vivem próximos ao município de Campina Grande.

Para compreendermos esse processo, serão organizadas entrevistas e questões que privilegiam o relato das experiências e primam pela possibilidade de o entrevistado falar livremente. Os eixos temáticos que envolvem a memória com relação à importância social e econômica do patrimônio histórico e cultural, as questões culturais e educacionais envolvendo costumes, tradições, contadores, poesias.

No projeto, a partir de uma postura de pesquisadora e historiadora, com a intenção de propiciar um momento de evocação de experiências passadas, vividas pelos componentes do grupo, há mais de quarenta anos, para evocar a memória individual, teremos que provocar, através de perguntas como da visualização e manipulação da materialidade cultural, como as fotografias, considerando que estas agirão como possíveis disparadores de lembranças. Consideramos que esta é uma estratégia que pode ser usada para a coleta de dados de experiências passadas, a partir de elementos extraídos de um cotidiano já vivido e registrados na memória de cada um, sob modos diferenciados. São rememorações que partem de muitas situações, de muitos lugares, constituindo-se uma oportunidade de presentificação, ao falarem sobre fatos ocorridos em um passado próximo, possibilitando portanto a re-elaboração e a ressignificação dos mesmos. Com essa compreensão a metodologia da História oral, torna-se fundamental, uma vez que permite o conhecimento da reconstrução das vivências e experiências, a partir da História de vida, passando a fazer parte assim da memória oficial através do registro.

Na valorização de um passado recente, verbalizado constituindo-se um momento de releitura, a contribuição de Halbwachs, é significativa quando destaca que “o passado não se apresenta numa forma pura, mas, sim alterado pela leitura que o presente faz dele, destacando ainda que a memória é releitura e reconstrução do que passou, a partir da inserção do indivíduo numa coletividade em momentos presentes que se sucedem” (2006, p.42).

Ainda que se trate de eventos em que somente nos estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos, não é preciso que outros estejam presentes materialmente, “para confirmar ou recordar uma lembrança não são necessários testemunhos no sentido literal da palavra, ou seja, indivíduos presentes sob uma forma material e sensível”. (HALBWACHS, 2006, p.31).

Nossa proposta será dar voz aos esquecidos pela academia, os cordelistas como também as pessoas comuns, ouvindo as experiências do homem, ademais como diz Michel de Certeau, aquele que é todo mundo é ninguém, as suas representações e a sua história de vida são narrativas que quando se tornam lembranças são permeadas do saber do prazer de poder reviver momentos de sociabilidade, sensações, sentimentos.

Metodologicamente priorizamos o desenvolvimento de um processo participativo, no qual a comunidade também subsidiará as propostas, redefinindo ações sociais e educativas, segundo as demandas que nos são colocadas pela comunidade.

Sendo assim os historiadores estão voltando ao passado com os olhos do presente e colocando em prática o conselho de Jacques Le Goff (1994) quando dizia a “história é filha de seu tempo”, ou seja, estamos vivendo em novo tempo de desconstrução, de re (interpretação) no sentido de conhecermos a verdadeira história da África e dos seus descendentes, com essa compreensão concordamos com Gomes e Martins (2004, p. 71) quando diz que o Brasil está vivendo um momento de revisão, em uma perspectiva otimista, pois há agora uma dimensão de oportunidade histórica “de brecha emancipatória para combater o racismo estrutural da sociedade e de valorizar a cultura africana preservada país, afirmando, a partir dela, uma diferença civilizatória ou simbólica com um vigor que até agora os negros não tiveram a oportunidade de manifestar”.

Assim esta proposta de pesquisa levante algumas reflexões em torno dos afro-descendentes, tendo como alvo norteador da discussão algumas conceitos e categorias que consideramos básicas.

Por isso inicialmente apresentaremos um panorama conceitual com algumas categorias que sustentaram a pesquisa, a serem desenvolvidas no decorrer da mesma: identidades, infância, cantigas de roda, brincadeiras, lúdicos, jogos, memória. Segundo destaca Lima (2000 P 41) nas duas últimas décadas amplia-se as discussões cultural afro e também “as identidades e suas dinâmicas tem se fortalecido como foco de crescente problematização”, como destaca a autora, amplia-se a discussão sobre a formação identitária da população nos aspectos étnicos de gênero, regionalidade entre outros.

Para discutimos sobre práticas cotidianas, das quais na infância já vivida pelo idoso negro, tomaremos como referencial CERTEAU, 1994 e BAKHTIN, 1992 como outros autores que permite pensar sobre o lugar de onde se fala e se escuta.

Em relação às práticas culturais das populações das comunidades negras, algumas práticas serão trabalhadas principalmente devido as especificidade das mesmas estamos falando das práticas de cura e trocas culturais, memória e saúde.

Este trabalho se concentra sobre as comunidades negras que ficam no entorno da cidade de Campina Grande: compreendendo a região entre o Riachão do Bacamarte (Comunidade do Grilo, Matias, as comunidades quilombolas próximo à Caldas Brandão (Cajá). Partindo do princípio de que os habitantes destas comunidades possuem concepções próprias de doença e

saúde, culturalmente distintas das concepções que vigoram na medicina ocidental, embora tenham incorporado noções e práticas terapêuticas oriundas destas, iremos recorrer às tradições na busca por conhecimento terapêutico enraizada e praticas culturais partindo dos referenciais locais.

Sabemos que em todo Norte e Nordeste do Brasil essas comunidades negras, recorrem a um sistema próprio etnomedicina popular como as rezadeiras, representando assim um importante ponto de encontro entre permanências e rupturas culturais, quando do contato com o português.

A principal troca cultural destas populações tem sido solidariedade, a troca de saberes que são passados de geração em geração como destaca Fernando Santos (2005, P. 37) “todos arrastam consigo seu quinhão de saberes e suas marcas culturais. Assim quando olhamos retrospectivamente para o cotidiano dessas populações” podemos perceber que ao longo de sua história estabeleceram uma estreita concorrência a natureza e o meio ambiente.

Em relação às práticas escolares, constata-se a quase inexistência de conteúdos da cultura afro-brasileira especialmente da comissão africana como cultos, rezadeiras, práticas terapêuticas de cura, mitos, práticas cotidianas das mulheres negras idosas. Sendo assim devemos recriar no presente, essas culturas, trabalhando na escola numa proposta intergeracional jovem e idoso, no sentido de valorizar as tradições culturais dos antepassados.

É sempre bom lembrar que quando relacionamos Brasil e remetemos ao continente africano, três barreiras epistemológicas se entropõe. OLIVEIRA (2006, P. 24-25) analisou a história desse povo e identificou três barreiras que vem sustentar o fato da África, durante séculos ter sido excluída de vários saberes desenvolvidas pela academia sofreu um processo de exclusão que é fruto de preconceitos em relação ao continente. Assim a inferiorização que a África e seu povo vêm sofrendo durante todo esses séculos, ao nosso ver pode se constituir uma barreira epistemológica, que a academia, através dos pesquisadores e dos professores nas suas práticas cotidianas no fazer pedagógico deve e pode tentar derrubar.

Não obstante o preconceito e a discriminação social que vem sofrendo seu povo e os descendentes, ou seja, os afro-brasileiros, continuamos convivendo com uma diversidade etno-cultural, onde a diversidade e a multiplicidade de cultura deveria ser reconhecida. Sendo assim cabe a escola e a academia colocar em pauta o que preconiza.

#### **4 A narrativa e a memória coletiva como testemunho e fonte histórica**

Sabemos que nas últimas duas décadas, o paradigma da distância temporal tem sido derrubado pelos historiadores que se dedicam ao estudo da história presente. Historiadores como Jacques Le Goff, René Rémond, Roger Chartier, Portelli e Thompsom, abriram o caminho para aqueles que pretendem trabalhar com essa nova vertente historiográfica, a investigação do passado recente, ou seja, pesquisas inseridas no “tempo presente”, o século XX, da história imediata, da qual não podemos deixar de fora a tradição oral das comunidades negras quilombolas.

Caminho aberto no qual as mulheres das zonas rurais, entendidas como os vindos de baixo, foram excluídos dos registros oficiais. Sendo assim, consideramos que uma das formas de dar visibilidade a esses atores sociais considerados excluídos no discurso da “história oficial” e uma das táticas usadas remete para a história de vida dessas mulheres através de entrevistas e depoimentos.

Sabemos, como destaca Araújo e Fernandes (2006, p. 19), que há algumas décadas atrás, o território do passado recente era interdito ao historiador, “alegava-se que a proximidade temporal era perigosa e que o historiador necessitava de distância para ser científico e evitar o envolvimento pessoal com os temas abordados.”

Concorda com esta mesma argumentação Rioux (1999, p. 41), ao indagar:

como traduzir em termos de duração um presente que é efêmero?, ainda mais quando o próprio historiador está imerso no seu próprio tempo, que também oscila no curso da correnteza, mergulha nesta confusão de acontecimentos sem hierarquia nem causas aparente.

Temos consciência de que para se trabalhar com a história imediata algumas questões se interpõem, trazendo à tona algumas preocupações, principalmente porque ela não dispõe de todos os arquivos que ainda não estão abertos, mesmo porque não é fácil apreciar a hierarquia dos fatos.

Portanto, a proposta de desenvolver este projeto é para nós como uma oportunidade de dar visibilidade a história e cultura afro silenciada por séculos. Assim o enfrentamento ao racismo no século XXI se apresenta como momento *sui generis* da nova realidade política vivida pelos

negros, gerando assim uma demanda social o qual exige do Estado e instituições o posicionamento das universidades públicas, nos quais grupos de professores (as) pesquisadores (as) através de núcleos de estudos possam desenvolver suas pesquisas e entender os mecanismos de resistência desencadeados pelos negros e negras.

Colaborar com as discussões acerca dos estereótipos, sobretudo acerca da mulher negra, estereótipos que ainda perduram na contemporaneidade que são bem visíveis na mídia e como todo estereótipo torna-se simplificador tornando-se uma leitura reducionista sobre o negro.

No que diz respeito às práticas terapêuticas a cultura e as práticas culturais através das artes de cultura e as práticas culturais através das artes de fazer, do saber fazer (brincadeiras, cantigas e arte de curar) a pesquisa pode ser um importante acervo, para subsidiar os professores da escola pública no processo de implantação da lei 11 645/008.

Acreditamos que essa contribuição possa trazer que o conhecimento no sentido de quebrar as barreiras epistemológicas que desqualificam a cultura e história do negro seja pela inferiorização de sua identidade, mas também por uma ideologia que efetiva as relações sociais neste.

Uma outra contribuição relevante da pesquisa que se constituirá num documento ao tematizar as ações criativas, ou seja, como a cultura é historicamente produzida na ação, como a cultura é alterada no caso específico as cantigas de roda e as brincadeiras. Estamos falando de cultura no sentido operacional, pública e contextual, ou seja, composta por signos que são produzidos coletivamente. Contextual porque os signos ganham significados sempre territorialmente (OLIVEIRA 2006, P. 80). Dessa forma ao falarmos de cultura negra, então não podemos nos juntar aos signos produzidos historicamente pelos afro-descendentes, muito menos desconsiderar o contexto em que surgiram seus múltiplos significados.

Neste caso nesta re-definição identitária da cultura negra, pensar e pesquisar os valores e princípios negro-africanos como aspectos civilizadores da cultura negra, implica, portanto pensar a cultura negra (re) construída no contexto brasileiro, preservando, entretanto, sua matriz africana. Pensamos aqui na perspectiva da herança, a partir da memória das mulheres idosas das comunidades negras. Neste caso, não nos limitarmos apenas a saber como são numa perspectiva exótica – folclorizadora, mas interpretar seus significados numa perspectiva histórica compreensiva.

A realização desta pesquisa revelará a riqueza do conhecimento, marcado pela cultura oral, da memória e sua transmissão, podendo se transformar em conhecimento importante para ser discutido no ensino médio e inserido no currículo escolar no que diz respeito aos conteúdos referentes à cultura afro-brasileira.

Destacamos ainda a contribuição da História oral para os pesquisadores, com ênfase na oralidade, atores do ato de lembrar. Segundo Portelli (1999, p. 60) as fontes orais nos informam mais sobre o significado do que sobre os acontecimentos, atores deles, informam-nos não só sobre os fatos, mas sobre aquilo que eles significam para quem os viveu e os reconta. Sendo assim “testemunho oral tomado como fonte de informação sobre os eventos históricos, submetido à análise nos permite não apenas recuperar aspectos materiais como também tenham a atitude de narrar em relação á eventos, á subjetividade (Portelli, 1993, p. 41) tomados como fonte, à oralidade a troca de perguntas e respostas torna-se a arte da relação: os dados obtidos através das entrevistas nascem como produto e o resultado do testemunho depende em grande parte daquilo que o pesquisador coloca como pergunta.

Esses relatos, ou seja, depoimentos gravados, poderiam ser agrupados para enriquecer o acervo do NUDOP do Centro de Educação para possíveis alunos que queira trabalhar com a cultura dos remanescentes de quilombolas. Os conteúdos gravados sobre as práticas de cura das mulheres negras, nos darão subsídios sobre o conceito de saúde, costumes, práticas cotidianas, universo metodológico, usos curativos de plantas, rezas, benzedeadas.

Ressaltamos a importância de se estudar as comunidades rurais negras, significa atualizar e retificar o conceito, considerando os quilombos nichos culturais autônomas, isto é pedaços da África no Brasil.

## **5 Os usos sociais da memória e as narrativas como instrumento de preservação**

Um dos aspectos que serão tratados na pesquisa e que nos propomos a apresentar neste texto, é o papel da tradição oral na constituição do patrimônio cultural, via narrativas, no relato das brincadeiras, cantigas de roda, jogos e práticas de cura.

Trata-se de evidenciar as maneiras como as mulheres das comunidades remanescentes de quilombolas, enquanto sujeitos sociais reinventam suas práticas culturais, práticas de luta, de sobrevivência no cotidiano cultural.

Considerando a tradição oral como importante instrumento neste processo, estaremos pensando a tradição oral enquanto forma de transmissão de valores culturais e principalmente como elemento constitutivo do patrimônio cultural dessas comunidades.

A profundidade das transformações ocorrida nos últimos anos, principalmente a partir da história dos africanos e seus descendentes, que até a década de 70 mal constava na história oficial, impõe o repensar das práticas sociais e culturais, entre elas às relativas ao campo da memória, uma vez que, mas que via de apropriação do passado, é uma forma de constituição de significados e valores. Significados que foram incorporados pela interação entre as diferentes instâncias de saberes e fazeres que integram os meios de sobrevivência dessas comunidades, exigindo uma nova postura dos historiadores.

Dessa forma, mais do que produzir uma reflexão destas práticas, temos que (re) ver como estas prática da oralidade se inserem dentro de um paradigma não hegemônico no que diz respeito às fontes e arquivos da história.

Assim, quando as comunidades de populações afro-descendentes nos permitem o acesso a esferas e lugares sociais inacessíveis a informação escrita, através da história oral, temos que levar em consideração a contribuição que as narrativas podem dar para a constituição da memória desses territórios quilombolas, assim como sua importância pra reafirmar sua identidade.

Neste sentido, não podemos descartar o papel atribuído à memória, entendendo que memória e narrativa caminham juntas, possibilitando a produção de diferentes representações sobre um determinado acontecimento histórico. Assim, buscamos em Maurice Halbwachs (1990) o suporte teórico pra a compreensão dos quadros sociais que compõem a memória. Segundo o autor, o indivíduo carrega em si a lembrança, mas essa sempre está interagindo com a sociedade, grupos e instituições. É no contexto dessas relações que através de uma rede cultural e social, as mulheres idosas construíram suas lembranças. Dessa forma, a rememoração individual se faz na tessitura das memórias dos diferentes grupos com que nos relacionamos. São lembranças que se alimentam das diversas memórias oferecidas a que o autor denomina de “comunidade afetiva”.

Portanto, é a partir desses pressupostos teóricos que a academia deve se utilizar de estratégias no sentido de oferecer subsídios para a construção de um quadro de referências para a construção da memória coletiva, garantir um sentimento de identidade do grupo, assim como contribuir para a construção de um acervo histórico a partir dos relatos.

A partir dos relatos possibilita-nos entender os mecanismos de resistência, as táticas no dizer de Certeau (1994, p. 100) utilizadas para a reprodução, interação e (re) organização dessas comunidades. Certeau chama de táticas as ações calculadas e determinadas pela ausência de um próprio, “é um movimento dentro do campo de ação do inimigo. Ela opera golpe por golpe, lance por lance e aproveita as ocasiões e delas depende”.

Desse modo, entendemos as práticas cotidianas das comunidades quilombolas que se preservaram e que podem ser transmitidas através da oralidade, como ações do tipo tático, que se modificam e se ampliam em relação ao tempo e ao espaço.

Partindo deste ponto de vista, as narrativas formam o principal acervo da literatura oral dessas populações, permitindo a transmissão de relatos nos quais as mulheres podem recorrer às referenciais espaciais e temporais fundamentadas em testemunhos vivos, e, portanto, experiências da vida cotidiana de pessoas que não fizeram parte da história oficial.

## **Referências**

ANDRE, M. E.D. **A Etnografia da prática escolar**. Campinas: Papyrus, 1995.

ALBERTI, Verena. **Ouvir contar; textos em História oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

\_\_\_\_\_. **Manual de História oral**. 2.ed. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

ALBUQUERQUE, W.R. **Uma história do negro no Brasil**. Brasília: CEAO/Fundação Palmares, 2006.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Edusp, 1987.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Memória do sagrado: estudos de religião e ritual**. São Paulo: Paulinas, 1987.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 2.ed. Petrópolis: Vozes, 1994.

CUNHA JÚNIOR, H. **Os negros não se deixaram escravizar**. In: Revista eletrônica Espaço Acadêmico. N.69, fev/2007.

DEBERT, Guita Grin. **A antropologia e o estudo dos grupos e das categorias de idade.** In: BARROS, M.M.L. (org.) *Velhice ou terceira idade: estudos antropológicos sobre identidade, memória e política.* Rio de Janeiro: FGV, 1998.

GOMES, N.L.; GONÇALVES e SILVA, P.B.(orgs). **Experiências étnico-culturais para a formação de professores.** 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006

GUINZBURG, C. **O queijo e os vermes: o cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela inquisição.** São Paulo: Cia das Letras, 1987.

\_\_\_\_\_. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício.** São Paulo, Cia das Letras, 2007.

HALL, S. **A questão da identidade cultural.** Campinas: 1995 (Textos didáticos, n.18).

\_\_\_\_\_. **Identidade Cultural na pós-modernidade.** 9.ed. São Paulo: DP & A, 2004.

HALBWACH, M. **Memória coletiva.** São Paulo: Vértice, 1990.

LE GOFF, J. **História e memória.** 3.ed.Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

POLLAK, M. **memória, esquecimento, silêncio.** In: Revista Estudos Históricos. Rio de janeiro, CPDOC-FGV, v.2, n.3, p.3-15, 1998.

ROMÃO, J. **história da educação do negro e outras histórias.** Brasília: SECAD, 2005.

SOUZA, Andréia L. et al. **De olho na cultura! Pontos de vista afro-brasileiros.** Brasília, Fundação Cultural Palmares, 2005.